

Homossexualidade e Espiritismo

Este é um assunto um tanto denso, cuja abordagem varia conforme o viés utilizado. Alguns tentam conduzi-lo por ideologias; outros, por interpretações que desconsideram a própria essência da natureza humana. Há ainda aqueles que procuram justificar o comportamento homossexual humano pelo exemplo dos animais, como se ele se limitasse a uma expressão de impulsos instintivos e materialistas. Entretanto, os animais, não possuindo consciência moral, podem agir de maneira que, aos olhos humanos, parece contraditória — como nos casos de incesto ou infanticídio. A questão do comportamento humano, porém, não se resolve dessa forma, pois envolve a consciência moral do Espírito. Focar nesses pontos resulta em desentendimentos e discussões que não levam a lugar algum. Discutir homossexualidade no contexto do Espiritismo, sob a ótica doutrinária, é, portanto, fundamental.

Precisamos destacar que o Espiritismo vai além e, por ser todo moral, dá a resposta simples e clara sobre a questão: em tudo, o que importa é o Espírito, que não tem sexo, e suas ações. Tendo o Espírito o livre-arbítrio e desde que esse livre-arbítrio não resulte em mal para os outros, como no caso presente, deve ser deixado livre para agir e deve ser respeitado em suas decisões.

A explicação que Kardec dá para aquilo que era conhecido como “anomalia”, em sua época, e que ele demonstra ser apenas “aparente”, é a seguinte:

“Se essa influência da vida corporal repercute na vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação, ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se ele for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado.

*Mudando de sexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. **Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres**”.*

Portanto, só existe diferença entre o homem e a mulher em relação ao organismo material, que se aniquila com a morte do corpo. Mas, quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há

duas espécies de almas.

Allan Kardec, R.E., Jan/1866

Convém repetir que a ciência, na época de Kardec, definia tais comportamentos como anômalos. Kardec, utilizando-se da teoria espírita, destaca que é apenas uma anomalia aparente, ou seja, não é, de fato, uma anomalia.

Ouso ir um pouco além dessa explicação: e se o Espírito, tendo sido mulher em várias vidas, escolhe deliberadamente encarnar como homem, mantendo suas tendências, de modo a colher aprendizados? E se ele escolhe tal gênero de prova visando ajudar, dando seu exemplo? Outrossim, a homossexualidade pode ser simplesmente uma expressão da natureza do Espírito, sem que precise necessariamente de “superação” de questões morais. Dessa forma, a orientação não é uma prova em si, mas uma expressão legítima da pluralidade dos Espíritos, em seu trajeto evolutivo.

O ponto é que não podemos julgar o passado do indivíduo, muito menos vê-lo como alguém cumprindo um castigo. Cada Espírito é único e expressa em sua trajetória uma pluralidade de características igualmente valiosas. Por isso, devemos respeitar as escolhas do outro, dentro dos limites da ética e da caridade, e estar sempre prontos para ajudar e sermos ajudados, ensinar e aprender, compartilhar e colaborar, sem julgar aparências.

Mediunidade: estudo e prática

Mediunidade: estudo e prática - mais uma apostila febiana cumprindo adequadamente os propósitos da FEB.

O Desvio do Movimento Espírita Brasileiro: A Influência do Roustainguismo e Suas Consequências

O Movimento Espírita Brasileiro possui uma característica singular: ele foi profundamente influenciado pela obra de Jean-Baptiste Roustaing, especialmente após Bezerra de Menezes assumir a presidência da Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1895. Essa influência trouxe para o Espiritismo brasileiro uma interpretação que diverge dos ensinamentos organizados por Allan Kardec, imprimindo uma visão mística e cristã tradicional que contrasta com a proposta original de uma doutrina científica e filosófica.

A Doutrina Espírita e Seu Método de Controle

Allan Kardec, em sua missão de organizar os ensinamentos dos espíritos, desenvolveu um método rigoroso de análise e controle, conhecido como “controle universal dos espíritos”. Esse método visava garantir a coerência e a autenticidade das mensagens espirituais: apenas ensinamentos validados por várias comunicações, em diferentes locais e com lógica e moralidade consistentes, eram aceitos. O objetivo era proteger o Espiritismo contra ilusões, falsidades e interpretações incoerentes, assegurando que a doutrina permanecesse fundamentada em princípios racionais e universais.

Na Doutrina Espírita organizada por Kardec, os espíritos evoluem de forma contínua e natural, sem a ideia de uma “queda inicial” ou expiação pelo “pecado original”. A encarnação é vista como um processo de aprendizado e progresso, sem a necessidade de justificativas religiosas tradicionais.

Roustaing e a Introdução de uma Visão Mística

Jean-Baptiste Roustaing, por outro lado, introduziu uma interpretação divergente do Espiritismo. Em sua obra *Os Quatro Evangelhos*, ele propõe conceitos que incluem a teoria de um “corpo fluídico” de Jesus e a ideia de uma “queda original

dos espíritos”, aproximando-se de uma visão espiritualizada dos Evangelhos que se assemelha a doutrinas místicas e cristãs tradicionais. Diferente de Kardec, Roustaing não aplicou o método de controle universal, aceitando comunicações mediúnicas que recebeu por meio de uma única médium, Émilie Collignon, o que trouxe um conjunto de ideias que contrastam com os princípios doutrinários do Espiritismo.

Quando Bezerra de Menezes assumiu a FEB, ele introduziu a obra de Roustaing no movimento, promovendo *Os Quatro Evangelhos* como uma espécie de interpretação oficial da Doutrina Espírita no Brasil. Com isso, a FEB passou a enfatizar uma visão religiosa e cristã, introduzindo a ideia de um “papel messiânico” do Brasil como “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. Essa interpretação é visível na obra homônima, atribuída ao espírito Humberto de Campos e psicografada por Chico Xavier, que descreve o Brasil como o país escolhido para liderar a regeneração espiritual da humanidade.

O Desvio do Espiritismo no Brasil

A promoção do roustaingismo dentro da FEB teve consequências duradouras para o Movimento Espírita Brasileiro. Com o tempo, a ênfase no misticismo e em interpretações messiânicas levou a uma aceitação menos crítica das comunicações dos espíritos, sem o rigor analítico defendido por Kardec. Obras com interpretações místicas e nacionalistas, como *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, foram amplamente aceitas, apesar de contradizerem o universalismo imparcial e a objetividade da Doutrina Espírita original.

Essa influência fez com que o Espiritismo brasileiro adquirisse um caráter religioso e místico, distanciando-se dos princípios de investigação e análise científica. Ao invés de uma doutrina racional, centrada no progresso e aprendizado contínuo dos espíritos, o Movimento Espírita Brasileiro adotou elementos que carregam uma visão espiritualizada do Evangelho, transformando a doutrina em algo híbrido, misturando conceitos espiritistas e dogmas religiosos.

Conclusão

O impacto do roustaingismo no Movimento Espírita Brasileiro resultou em um desvio que trouxe ideias místicas e religiosas para dentro da doutrina, afastando-a da proposta original de Allan Kardec. A FEB, sob a influência de Bezerra de

Menezes e dos adeptos de Roustaing, adotou práticas que contradizem o método científico e filosófico da Doutrina Espírita, levando o movimento a aceitar comunicações sem o rigor analítico necessário e a promover interpretações que distorcem a essência racional do Espiritismo.

Esse desvio continua sendo um tema de debate e reflexão entre os estudiosos e praticantes do Espiritismo no Brasil, pois levanta questões sobre a fidelidade e a preservação dos princípios que Kardec estabeleceu como fundamentos da doutrina.

A punição pelo remorso e o retorno ao bem pelo arrependimento

Remorso e arrependimento são ferramentas divinas que conduzem o Espírito de volta ao bem, quando dele conscientemente se afasta.

Kardec criticando as ideias de um Espírito: o que nós não estamos fazendo.

Artigo sucinto: na Revista Espírita de julho de 1860, Kardec apresenta o artigo “Dos Animais”, onde um Espírito, que se apresenta como o Espírito de Charlet, o pintor, começa a tratar do assunto em questão. Até certo ponto, tudo parece fazer algum sentido, contudo, próximo ao final, e especialmente no nono parágrafo, o

Espírito aparentemente “perde um parafuso” e desata a dizer um monte de absurdos. Charlet diz que o desenvolvimento da ferocidade nos animais aconteceu por culpa do ser humano, quando cai no pecado, no momento em que Caim mata Abel (sic!), o que teria dado um mau exemplo que, pelo magnetismo humano, que domina o animal, faz com que surja nele a ferocidade (sic!).

Pareceu um absurdo Kardec publicar esse artigo... Mas eis que o leitor impaciente se surpreende com o artigo subsequente, Exame crítico (das dissertações de Charlet sobre animais)”, onde, parágrafo a parágrafo, Kardec passa a **questionar o Espírito** sobre seu entendimento sobre certos pontos. Afinal, Kardec aborda o famigerado nono parágrafo, dizendo:

Nessa passagem Charlet parece ter sido arrastado pela imaginação, pois o quadro que faz da degradação moral do animal é mais fantástico do que científico.

[...]

Que pensa Charlet destas reflexões?

*– Só posso aprová-las. **Eu era um pintor e não um literato ou um cientista.** Por isso, de vez em quando **me deixo arrastar pelo prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo em detrimento da verdade.** Mas o que dizeis é muito justo e inspirado [...]. Contudo, **concordo que errei. Agi levemente, e isto vos prova até que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.***

A profundidade desta lição é facilmente compreendida por si só. Contudo, pode ser complementada pelo item 247 de O Livro dos Médiuns:

247. Os Espíritos dados a sistemas são geralmente escrevinhadores, pelo que buscam os médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tratam de fazer instrumentos dóceis e, sobretudo, entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verbosos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se em ditar, aos seus intérpretes, volumosos escritos indigestos [...]. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de palavras; dizem muita coisa em poucas frases. Segue-se que aquela fecundidade prodigiosa deve sempre ser suspeita.

Nunca será demais toda a circunspecção, quando se trate de publicar semelhantes escritos. As utopias e as excentricidades, que neles por vezes abundam e chocam o bom senso, produzem lamentável impressão nas pessoas ainda noviças na doutrina, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem mesmo se levar em conta que são armas de que se servem seus inimigos, para ridiculizá-lo. Entre tais publicações, algumas há que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem considerar-se imprudentes, intempestivas, ou desazadas.

Assim, destacamos a importância de passar TODAS as comunicações espíritas, **não importa por que médium tenham vindo**, pelo crivo da razão, jamais deixando de questionar os pontos que parecerem contrariar a razão ou o bom-senso. Os Espíritos superiores **não se incomodam com isso**. Pelo contrário: recomendam que isso seja feito, pois, nada tendo a temer, sabem que quem teme tal controle são os Espíritos sistemáticos e, sobretudo, mistificadores, **que acabarão se afastando do grupo onde suas mistificações não enganam a ninguém**. Eis uma maneira excelente de manter o grupo, incluindo os médiuns, livres de Espíritos fascinadores e enganadores.

Por não haver realizado tal tarefa, o Movimento Espírita aceitou cegamente graves mistificações, como aquelas em [Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho](#), ou as imaginações de André Luiz, em *Nosso Lar* — um caso que muito provavelmente se enquadraria à semelhança desse acima apresentado.

A Evolução Intelecto Moral

A DE explica na evolução do homem no mundo. Muitos filósofos e a ciência atual preconizam que o homem nasceu egoísta, que o egoísmo esta na natureza. Então, isso inverte a verdade. O Simples e ignorante age segundo o instinto e o instinto é harmônico. Mas ele faz o bem e o mal?

O Artigo *A Evolução intelecto Moral* é Continuação do artigo [O Mal nas Civilizações](#)

Na realidade, na evolução da humanidade, a primeira fase é dos simples, que agem naturalmente pela harmonia, agindo pelo instinto. Mas o **simples e ignorante** age. Depois, com a chegada dos exilados, eles divulgarão a mentalidade falsa, que inverte a verdadeira ideia ensinada pelos precursores de Jesus.

Em suas primeiras vidas humanas, o espírito **simples e ignorante não faz o bem nem o mal, age segundo o instinto, que lhe encaminha para a harmonia**. Conforme conquista, em centenas de encarnações, a consciência de sua individualidade, o espírito passa a agir segundo suas faculdades: **sentimento, razão e vontade**. A partir daí, ele faz suas escolhas entre o bem e o mal, portanto a causa de seus atos, e sua responsabilidade, decorre da mentalidade que adota. A ideia verdadeira está na compreensão da lei do amor, que é divina e natural.

Todos os espíritos no início da evolução lidam com interesses pessoais, pois agem no mundo e precisam cuidar da sobrevivência. O equilíbrio está na **cooperação e no bem coletivo**. Tornando-se hábitos, são as **virtudes**.

A compreensão do mal e a escolha do bem

Por acerto e erro, o espírito se inicia no conhecimento do bem e do mal.

Quando o espírito no início da evolução eventualmente age segundo os interesses de sua personalidade, comete uma falta. **Toda falta está associada ao sofrimento moral, pois está na consciência de todos a lei divina, indicando que o ato contraria o bem**. A falta é quando o indivíduo sabe que é errado, a consciência diz que está errado. Mas se o indivíduo não sabe que está errado, ele não terá sofrimento moral.

O sofrimento moral está associado a quanto o indivíduo conhece. Se se conhece muito há muito mais sofrimento moral do que quem pouco sabe. O sofrimento moral não é em cada falta, pois o indivíduo já sabe que dará errado na próxima, então seu sofrimento se torna constante. O egoísta tem o sofrimento constante. Ele está o tempo todo sabendo que está fazendo errado, ele só consegue mudando o hábito, talvez mais difícil do que superar a falta. Pelo exercício da razão e esforço de sua vontade, o espírito decide agir diferente e se mantém no caminho do bem. Na autonomia moral, a compreensão do erro permite escolher a verdade.

Ensinar o que é o bem e ensinar o que é o mal é a premissa para o

indivíduo agir por livre escolha senão ele estará simplesmente obedecendo. Quem obedece não está escolhendo!

As imperfeições e o sofrimento moral

O sofrimento moral é inerente às imperfeições, e o espírito, almejando a felicidade, repensa e escolhe o bem.

Quando o indivíduo insiste em agir pelo interesse pessoal visando as sensações imediatas, a falta torna-se hábito, criando a condição de apego. Nesse desvio, o indivíduo faz uso da razão e da vontade para deter os bens, abusar dos simples.

Quando o apego é mais forte que o esforço de retornar ao bem, torna-se um hábito adquirido, o egoísmo. O sofrimento moral

associado à falta, segundo a lei natural, em virtude do mal hábito, fica constante e vai durar até que a imperfeição seja superada.

É a própria pessoa que se culpa, não é Deus Castigando.

Quando o espírito no início da evolução eventualmente age segundo os interesses de sua personalidade, comete uma falta. ***Toda falta está associada ao sofrimento moral, pois está na consciência de todos a lei divina, indicando que o ato contraria o bem.*** A falta é quando o indivíduo sabe que é errado, a consciência diz que está errado. Mas se o indivíduo não sabe que está errado, ele não terá sofrimento moral.

O sofrimento moral está associado a quanto o indivíduo conhece.

Se se conhece muito há muito mais sofrimento moral do que quem pouco sabe. O sofrimento moral não é em cada falta, pois o indivíduo já sabe que dará errado na próxima, então seu sofrimento se torna constante. O egoísta tem o sofrimento constante. Ele está o tempo todo sabendo que está fazendo errado, ele só consegue mudando o hábito, talvez mais difícil do que superar a falta.

A falsa ideia

O egoísta, quando lhe pesa a consciência, deve superar suas imperfeições. Mas quando o apego domina, ele cria a falsa ideia para aplacar a luz de sua consciência. Isso ocorre pois quem age por **egoísmo** sofre moralmente, sente-se culpado, sabe que erra, e sua meta é superá-lo. Mas quando o horizonte da recuperação se afasta, o espírito sente-se derrotado e a meta difícil. Para suportar

a dor e a baixa autoestima, justifica-se pelo **orgulho**. Invertendo a verdade, diz a si mesmo: sou superior, mereço privilégios; os outros são inferiores, devem me servir. Surge assim a **falsa ideia**. Quanto mais o orgulhoso acredita nessa **mentira** e a impõe aos simples, mas pela **violência** vai defender seus **falsos direitos**.

A falsa ideia no mundo espiritual

Iludido pela falsa ideia que adotou para reger seus atos, o orgulhoso coloca uma venda em seus olhos, e, quando chega à espiritualidade, não vê a felicidade do bem. Então vagueia e sofre, pela **inércia da alma**.

Por mais ativo que seja no mundo corpóreo, espiritualmente, o espírito imperfeito (egoísta e orgulhoso) coloca-se inativo, desliga-se dos semelhantes e superiores que estão no caminho do bem, pois age por seus interesses, e não por todos.

Para aplacar o sofrimento moral insuportável, o espírito cria antipatia para com os semelhantes e superiores que estão no caminho do bem, combate e deturpa a verdade ou lei divina, criando ou defendendo a falsa ideia para contornar sua razão e consciência.

Este artigo foi elaborado a partir de palestra proferida por Paulo Henrique de Figueiredo. [Clique aqui](#) para conhecê-la.

As falsas cartas consoladoras e o incorreto trabalho mediúnico

A busca pelo contato com os Espíritos de entes queridos não é um erro. A busca pelas “cartas consoladoras”, porém, é. Leia o artigo.

O Mal nas Civilizações

O Mal das Civilizações é continuação do artigo [O Duplo Conceito do Bem e do Mal](#)

O mal nas civilizações tem início na crença em **falsas ideias**, naqueles que agem motivados pelo egoísmo e pelo orgulho, priorizando seus próprios interesses. Quando muitos indivíduos adotam essa mentalidade, ela se transforma em um mal-estar coletivo. A visão equivocada da falsa ideia permeia as relações sociais. Esse problema se agrava quando líderes, religiões, filosofias e ciências propagam essa mentalidade falsa, influenciando e moldando toda a cultura.

“A primeira está toda inteira nestas palavras do Cristo: ‘Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem.’ Numa palavra, aplica-se sem exceção a todas as relações sociais. Haveremos de convir que, se todos os membros de uma sociedade agissem de conformidade com esse princípio, haveria menos decepções na vida. Desde que dois homens estejam juntos, contraem, por isto mesmo, deveres recíprocos; se quiserem viver em paz, serão obrigados a se fazerem mútuas concessões. Esses deveres aumentam com o número dos indivíduos; as aglomerações formam um todo coletivo que também tem suas obrigações respectivas. Tendes, pois, além das relações de indivíduo a indivíduo, as de cidade a cidade, de país a país. Essas relações podem ter dois móveis que são a negação um do outro: o egoísmo e a caridade, pois que há também egoísmo nacional.”

Allan Kardec, Viagem espírita, 1862

Tem egoísmo na ciência, na religião. em todos os lugares existe a falsa ideia.

“Com o egoísmo, prevalece o interesse pessoal, cada um vive para si, vendo no semelhante apenas um antagonista, um rival que pode concorrer conosco, que podemos explorar ou que pode nos explorar; aquele que fará o possível para chegar antes de nós: a vitória é do mais esperto e a sociedade - coisa triste de dizer, muitas vezes consagra essa vitória, o que faz com que ela se divida em duas classes principais: os exploradores e os explorados. Disso resulta um antagonismo perpétuo, que faz da vida um tormento, um verdadeiro inferno. Substituí o egoísmo pela caridade e tudo se modificará; ninguém procurará fazer o mal ao seu vizinho; os ódios e os ciúmes se extinguirão por falta de

combustível, e os homens viverão em paz, ajudando-se mutuamente em vez de se dilacerarem. Se a caridade substituir o egoísmo, todas as instituições sociais serão fundadas sobre o princípio da solidariedade [cooperação] e da reciprocidade [apoio mútuo]; o forte protegerá o fraco, em vez de o explorar.”

Idem

Se o indivíduo considera o outro fraco, ele vai explorá-lo.

Se o indivíduo o considera o outro forte, ele se torna seu adversário a ser combatido. A mudança está no que o indivíduo escolhe fazer.

Este artigo foi elaborado a partir de palestra proferida por Paulo Henrique de Figueiredo. [Clique aqui](#) para conhecê-la.

Uma pedra sobre o negacionismo ao redor das adulterações das obras de Allan Kardec

Vamos colocar uma pedra sobre o negacionismo ao redor das adulterações das obras de Allan Kardec, demonstrando que são fatos inegáveis, senão pelos orgulhosos obstinados.

O desvio da Federação Espírita

Brasileira: como o roustainguismo afastou do Espiritismo o Movimento Espírita

A Federação Espírita Brasileira é uma instituição roustainguista que formou um Movimento Espírita que contraria o Espiritismo. Entenda.